

A (não) realização da vogal epentética em Português Arcaico à luz derivacional

(The non-occurrence of the epenthetic vowel in Archaic Portuguese)

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida Cangemi¹

¹ Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP – Universidade Estadual Paulista

carolcangemi@gmail.com

Abstract: This study has as main aims to discuss the motivation for the non-occurrence of the epenthetic vowel at the beginning of the word in the context of word junction in the first hundred *Cantigas de Santa Maria* (CSM – Afonso X, 1221-1284). Through this work and from a non-explored corpus (especially as for linguistic themes – SNOW, 1987, p. 478-480; MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 24-26), it is intended to contribute to reaching a deeper knowledge of Portuguese prosody history in the period of its recognition as an “independent” language in relation to Latin.

Keywords: epenthesis; sandhi processes; archaic portuguese.

Resumo: O objetivo desse trabalho consiste em discutir a motivação para a não-ocorrência da vogal epentética em início de palavra no contexto de junção vocabular nas cem primeiras *Cantigas de Santa Maria* (CSM – Afonso X, 1221-1284). Por meio deste trabalho e a partir de um *corpus* ainda pouco explorado (sobretudo quanto a temas linguísticos – cf. SNOW, 1987, p. 478-480; MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 24-26), pretende-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento da história da prosódia do português no período de seu reconhecimento como língua “independente” do latim.

Palavras-chave: epêntese; sândi; português arcaico.

Objetivo

O objetivo deste trabalho consiste em discutir a não-ocorrência da vogal epentética em início da segunda palavra no contexto de junção vocabular nas cem primeiras *Cantigas de Santa Maria* (CSM), compiladas a mando de Afonso X, o Sábio (1221-1284). À luz das teorias derivacionais – em especial a Teoria Prosódica – Nespor e Vogel (1986) e Teorias da Sílabas – Selkirk (1982) e Hogg e McCully (1987).

Corpus: Cantigas de Santa Maria

Um problema metodológico crucial, quando o objetivo é analisar elementos prosódicos de períodos passados das línguas ou de línguas cujos falantes já desapareceram (as chamadas “línguas mortas”), consiste na escolha do tipo de texto escrito remanescente. Essa é um fator decisivo para a viabilidade da pesquisa. Com relação especificamente ao Português Arcaico (PA), sobreviveram textos escritos tanto em prosa quanto em verso. Porém, para o tipo de trabalho que aqui se propõe, a possibilidade de escolha entre material poético e não-poético não se coloca, uma vez que é extremamente difícil, senão impossível, extrair indícios seguros da realização fonética de sequências particulares, com elementos prosódicos como ritmo, entoação, tessitura, etc. Pelo fato de não ter sobrevivido registros

orais da língua da época estudada por nós (final do século XIII), optamos por focalizar nossa atenção nos textos poéticos, uma vez que a escansão das sílabas (metrificação) nos versos e a disposição nestes das sílabas acentuadas e átonas (principalmente a composição da rima poética e a distribuição dos acentos poéticos nos versos) pode indicar elementos prosódicos de forma mais confiável no que tange a sua realização fonética. Portanto, entre os tipos de textos poéticos cultivados na época, esta pesquisa optou por focalizar as CSM.

Segundo Parkinson (1998a), as CSM constituem o monumento literário de maior importância para o período medieval. São consideradas pelo autor uma obra rica, contendo texto, melodia e pintura, sendo uma das fontes mais importantes para a história da métrica e do galego-português antigo. As CSM são uma coleção de 420 cantares em louvor da Virgem Maria compiladas em galego-português por Afonso X.

The Cantigas de Santa Maria is a collection of more than four hundred poems recounting miracles worked through the intercession of the Virgin Mary or songs of praise in her honor. The text of many is illuminated in full-page miniatures. The poems were written in the language of medieval Galicia and Portugal, the medium of expression preferred by the lyric poets of that day. (O'CALLAGHAN, 1998, p. 1)

Tais cantigas chegaram até nós por meio de quatro manuscritos antigos denominados códices:

E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos;

T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico);

F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T;

To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

Segundo Ilari e Basso (2007, p. 21), a língua em 1100, no berço do Estado português, era muito parecida com o galego, por isso a denominação galego-português, ou seja, por apresentar notáveis semelhanças com a língua falada na outra margem do rio Minho. Encontramos na bibliografia especializada essa denominação aplicada à variedade de língua em que se expressou sua manifestação literária: a lírica trovadoresca. No século XIII, o galego-português foi usado como língua da poesia não só por trovadores portugueses como Dom Dinis – rei a partir de 1290 –, mas também por trovadores de outras regiões da Ibéria – por exemplo, Afonso X, o Sábio, rei de Castela.

Massini-Cagliari (2007, p.122) demonstra que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”, obviamente dotada de variações internas, como qualquer outra língua natural. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de

sistema” (2007, p.122). Assim, é possível inferir que o galego-português das CSM pode ser considerado uma manifestação ancestral legítima do Português e, devido a essa constatação, é que foram escolhidas as CSM como *corpus* representante para nosso estudo. Partimos de um recorte de cem cantigas pertencentes ao códice de Toledo (To), uma vez que estas fazem parte do códice mais antigo e estão presentes em dois outros manuscritos, correspondendo à compilação original da coleção (cf. PARKINSON, 1998a). Como *corpus* de apoio, consideramos a edição crítica de Mettmann (1986-1989).

Metodologia

Com relação ao fenômeno específico focalizado por este artigo, Henriques (2009) mostrou que até mesmo o falante nativo de línguas que permitem *onsets* complexos do tipo sibilante + oclusiva tem dúvidas na segmentação silábica das sequências /sp, st/. Em nosso trabalho, como não temos a presença física do falante, usufruímos de uma metodologia que busca abstrair dos limites das sílabas poéticas as sílabas fonéticas. No caso da observação da vogal epentética em início de palavra, partimos da escansão e da contagem das sílabas poéticas dos versos das CSM para poder elucidar dúvidas acerca da consideração de sua (não)realização. A presente metodologia busca abstrair, então, da escansão dos versos em sílabas poéticas os limites entre as sílabas fonéticas.

Essa metodologia foi inaugurada, no Brasil, por Massini-Cagliari (1995) e busca as características prosódicas de línguas mortas ou de períodos passados de línguas vivas por meio da estrutura métrico-poética da poesia.

Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento do processo descrito, está exemplificada em (1), em que aparecem as duas primeiras estrofes da CSM 01.¹

| | | |
|-----|---|-----------------------|
| (1) | E/ non/ ar/ que/ ro / o/bri/dar | a ⁸ |
| | co/ <u>m</u> ' <u>an</u> /ge/os/ can/ta/da | b ⁶ |
| | lo/or/ a/ Deus/ fo/ron/ can/tar | a ⁸ |
| | e/ «paz/ en/ te/rra/ da/da»; | b ⁶ |
| | nen/ co/ mo / a/ con/tra/da | b ⁶ |
| | a/os/ tres/ Reis/ en/ Ul/tra/mar | a ⁸ |
| | ou/ <u>v</u> ' <u>a</u> s/tre/la/ mos/tra/da, | b ⁶ |
| | por/ que/ sen/ de/mo/ra/da | b ⁶ |
| | vẽ/e/ron/ sa / o/ffer/ta/ dar | a ⁸ |
| | es/tra/ nna / e/ pre/ça/da. | b ⁶ |

A não-realização da vogal epentética em Português Arcaico

Por meio do mapeamento feito do encontro de vogais em juntura vocabular em 100 CSM, encontramos em nosso *corpus* a não-realização da vogal inicial da segunda

1 As letras minúsculas a, b, c representam o padrão rimático das estrofes. Ao final do verso, as letras são seguidas de um algarismo, que representa a quantidade de sílabas poéticas do verso. As sílabas em sublinhado correspondem ao processo de elisão da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra, já as em negrito correspondem à formação do hiato da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra.

palavra, vogal epentética /e/, quando seguida por /s/ ou /n/.²

- (2) do/ de/mo/, **que s**/te/rre/ces. (CSM 20; verso 39) - 6 sílabas poéticas
- (3) nen/ d' a/gui/llo/ **a 's**/co/du/das. (CSM 31; verso 68) - 7 sílabas poéticas
- (4) e/no/ mes/ d' a/gos/to/, no/ di/**a 's**/co/llei/to (CSM 77; verso 27) - 11 sílabas poéticas
- (5) e/ di/ss': «Es/**ta 'n**/fer/me/da/de | se/me/lla/ mui/t' a/fi/ca/da. (CSM 75; verso 36) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- (6) ou/tro/si/ nen/ d' al/va/yal/de,| que/ faz/ a/ ca/**ra 'n**rru/ga/da (CSM 75; verso 96) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- (7) del/, a/ Re/y/na/ no/**bre s**/pi/ri/tal. (CSM 58; verso 53) - 10 sílabas poéticas
- (8) **ouv' a** strela mostrada (CSM 1; verso 38)

Nos casos (2), (3) e (4), podemos considerar, assim como o fez Massini-Cagliari (2005), baseada em Cunha (1961), que, pelo fato de os monossílabos portarem uma semiforça, fica mais restrita a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir ou não com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte), uma vez que essa está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade do monossílabo do que com a quantidade de sílabas das palavras envolvidas, como vemos a seguir.

Quadro 1. Não-realização da vogal epentética

| Vogal final da primeira palavra | Vogal inicial da palavra seguinte | Quantidade | Percentual |
|---------------------------------|-----------------------------------|------------|-------------|
| a | e (e, ê / en) | 6 | 50,0 |
| e | e (e, ê / en) | 6 | 50,0 |
| TOTAL | | 28 | 100% |

Massini-Cagliari (2005, p. 236) afirma que

[...] esses são processos marginais, cuja função é prioritariamente estilística, nos quais o poeta encontra apoio para obter a quantidade de sílabas poéticas desejada para o verso. Mas não se pode negar que, mesmo com função estilística, seu aparecimento está condicionado ao fato de a qualidade da primeira vogal ser /a/.

Nos casos (5) e (6), a qualidade da vogal /a/ é diferenciada das outras vogais, assim como afirmou Massini-Cagliari (2005), e elevada a um valor diferente das demais dentro do sistema, uma vez que nesses casos há sílabas átonas envolvidas e quando há palavras como uma sílaba final átona seguida de uma outra palavra iniciada por vogal acontece, *a priori*, elisão. No entanto, foi ressaltado por Massini-Cagliari (2005), e por nós em outros trabalhos (CANGEMI, 2010; 2011), que é pouco recorrente a elisão do /a/ final da primeira palavra. Então, temos que o valor de uma palavra ser terminada por /a/ é mais alto ao ser essa terminada em sílaba átona (ambas seguidas de outra vogal). Nesse sentido, quando se trata de uma vogal final /a/ seguida de outra há um rearranjo no sistema – os casos mais típicos são a resolução em hiato, os menos típicos a não-realização

² Foram mapeadas no âmbito das cem CSM todas as soluções para o encontro de vogais em junção de palavras. Os resultados encontrados foram 7296 ocorrências de encontros vocálicos intervocábulares. Desses, 3457 (47,4%) são referentes à elisão, 3262 (44,7%) referentes à hiatização de sílabas CV com vogal, 526 casos (7,2%) de hiatização de ditongos decrescentes (VV) com vogal, 11 casos (0,2%) de hiatização de ditongos crescentes (VV) com vogal, 12 (0,2%) de não-realização da vogal epentética (processo ainda não nomeados pela literatura especializada) e 28 (0,4%), processos de ditongação.

da vogal epentética. Fica evidenciado, portanto, que o fato de a vogal final da palavra ser /a/ é mais relevante que a sílaba ser átona.

No entanto, no caso (7), não podemos considerar essa explicação, pois temos um contexto diferente. Temos a sílaba final átona terminada em /e/ seguida da sibilante. Podemos considerar apenas que, igualmente aos casos anteriores (2) a (4), a sibilante se agarra na coda da sílaba anterior pertencente a primeira palavra.

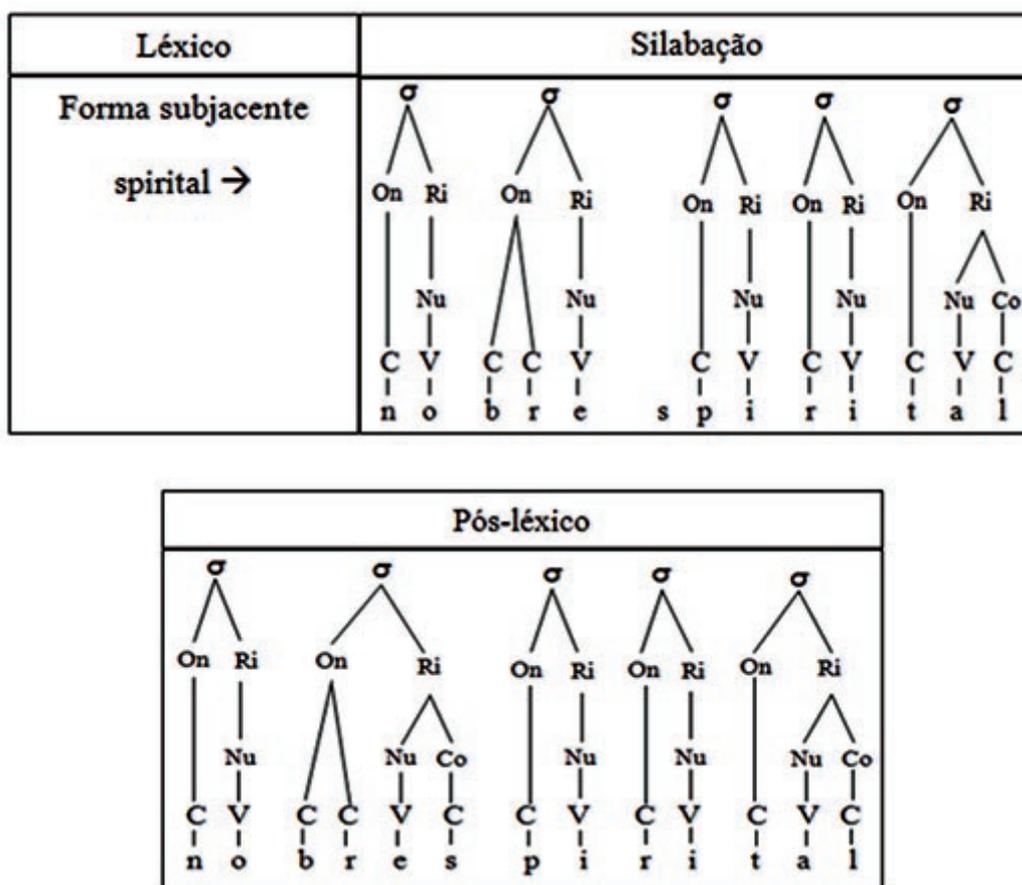


Figura 1. Silabação de *Spirital*

A respeito de (8), o primeiro caminho que tomamos ao ver essa realização foi de considerar a metrificação exposta em (9) (corroborando as afirmações que acabamos de fazer) e observar que ocorreria uma reestruturação silábica ligando a consoante inicial da segunda palavra à coda da primeira palavra.

(9) ou/v' a s/tre/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) - 6 sílabas poéticas

As consoantes perdidas (<s> ou <n>), aptas a ocupar a posição silábica de coda, se ligam diretamente ao nó silábico da sílaba final da primeira palavra, uma vez que o item lexical não conta com a vogal inicial de palavra, considerada somente *strela*. No entanto, podemos pensar em uma metrificação diferente para esse caso, que mantém as mesmas 6 sílabas poéticas; teríamos um *onset* ramificado:

(10) ou/v' a/ **stre**/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) - 6 sílabas poéticas

Para Massini-Cagliari (2005, p. 98, grifos nosso) este

[...] é um problema conhecido da fonologia, dado o fato de línguas já bastante exploradas (como o inglês e o italiano) possuírem sílabas deste tipo. No entanto, não parece ser este o caso do PA. Em todos os exemplos mapeados, as sequências de S+C(C) sempre ocorrem depois de palavra terminada em vogal. [...] **Por este motivo, é mais provável a hipótese de estar ocorrendo um processo de sândi, que apaga a vogal inicial de *estrela* (ou impede a sua inserção, no caso de modelos fonológicos que consideram essa vogal epentética), e liga o “S desgarrado” à coda da sílaba anterior.**

Embora o tipo de estrutura silábica presente na sílaba stre- (CCCV) da palavra *strela*, mostrada acima, seja menos recorrente como um tipo de sílaba fonética possível no PA, podemos acrescentá-la como uma realização possível, pois essa se mantém em outras CSM mesmo não sendo precedida de uma vogal (11) na metrificação dos versos. Nesse sentido, introdutoriamente, não haveria a possibilidade de considerar o som sibilante como pertencente à coda da sílaba anterior. Assim, teríamos uma perspectiva diferente de Massini-Cagliari (2005, p. 235), que considera nesse contexto (str-) que “a coda inicial ‘desgarrada’ /S/, então, adjunge-se ao núcleo da sílaba anterior”; para nós – nesse momento – não ocorreria uma ressilabação nesse contexto. Outro fator que vem a contribuir com essa hipótese é a realização dessa palavra em início de verso dentro nas CSM, não tendo nenhuma vogal antes de sua realização.

- (11) [[San/ta/ Ma/ri/a]I]U
 [[**Stre**/la/ do/ di/a]I]U
 Mos/tra/-nos/ vi/a
 pe/ra/ Deus/ e/ nos/ gui/a
 (CSM 100, 3 primeiros versos de 4 sílabas poéticas e o último 6 sílabas poéticas)
- (11') [Santa Maria]I
 [Strela do dia]I

Tenderíamos a ir contra a proposta de Massini-Cagliari (2005, p. 99), que considera que “o PA não possui ataques silábicos supercomplexos”. O Princípio do Ataque Máximo para o PE, desenvolvido por Vigário e Falé (1994, p. 475), considera que “é preferível o preenchimento de Ataques ao preenchimento de Codas”. Por outro lado, a própria organização da sílaba em termos de sonoridade, mais especificamente de um crescendo de sonoridade, que coloca o problema com esse tipo de sequências (/sp/, /st/ ...), nomeadamente sequências de fricativa+oclusiva como tautossilábicas, que não são permitidas no português justamente por violarem o Princípio de Sonoridade. Blevins (1993, p. 211) observa que: “However, in English syllable initial /sp st sk/ occur, and postvocalic tautossyllabic /sp st sk/ are also found, and English is far from unique in this regard”. Selkirk (1982) defende que esses grupos consonânticos constituem uma unidade. Para Parker (2002, p. 9, grifo nosso),

A number of formal devices, some of which are painfully ad hoc, have been posited to explain away exceptional ‘sonority reversals’ like these: extrasyllabicity, syllable appendices and ‘afixes’, adjunction, non-exhaustive parsing, degenerate syllables, null or empty nuclei, language particular stipulation, complex phonetic units. [...] However, /s/ (or perhaps sibilants in general) may be a special case, due to their stridency.

Hogg e McCully (1987, p. 49) ressaltam que, por se tratar de uma unidade, não importa o valor dado ao constituinte único que esse não violará o *template* da sílaba.

Viana (1892, p. 24) observa que as sibilantes e nasais são segmentos mais complexos se comparados aos outros e afirma “há consoantes que podem constituir síllaba, funcionando como vogaes: são ellas as sibilantes se, z, as ancípites l, r, e as nasaes”. Camara Jr. (1973, p. 43) também não exclui essa possibilidade:

[...] normalmente a vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior fôrça expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em todas as línguas como centro da sílaba, embora algumas consoantes, particularmente as que chamamos «sonantes», não estejam necessariamente excluídas dessa posição.

Assim, sabemos que o princípio universal de escala de sonoridade inviabiliza a existência dessas sequências, de acordo com regras fonotáticas de outras línguas. A dificuldade em identificar a estrutura fonética e fonológica (existência ou não de vogal) origina problemas na segmentação silábica. Nossa proposta consiste em levantar hipóteses que são plausíveis com a metodologia empregada e com o aparecimento dessas sequências no *corpus*.

No entanto, outra análise seria se considerássemos essas ocorrências como um caso de *enjambement*, típico daqueles tempos para a poesia trovadoresca. Ocorreria uma reestruturação de U, composto por duas ϕ e não somente uma. A vogal final da primeira palavra /a/ faria parte da segunda palavra – [strela] – dando como resultado a palavra fonológica [aStrela].

(12) [[San/ta/ Ma/ri/a]I, | [Stre/la/ do/ di/a]I]U,

(13) [MariaS] ω [trela] ω

(13') [Mari] ω [aStrela] ω

A elisão não ocorre entre Is (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2005; CANGEMI, 2011) e essa é mais restrita em uma sílaba sem *onset*; a vogal /a/ se manteria e seria necessário outro procedimento para a resolução desse encontro, ou seja, o apagamento da vogal inicial (V₂) da sequência.

(14) San/ta/ Ma/ri/a, | Stre/la/ do/ di/a,

(14') [Mari] ω [aStrela] ω

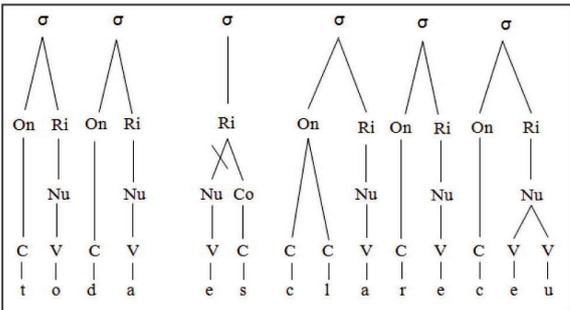
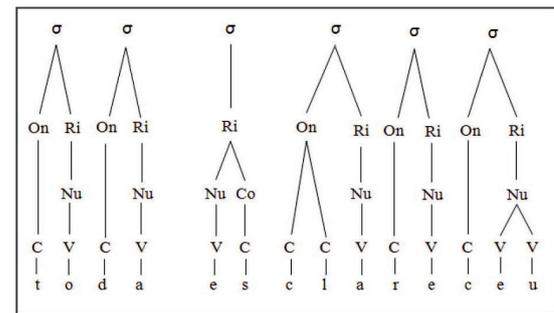
(15) que a terra toda 'sclareceu (CSM 15; verso 91)

(15') [to] ω [dasclareuceu] ω

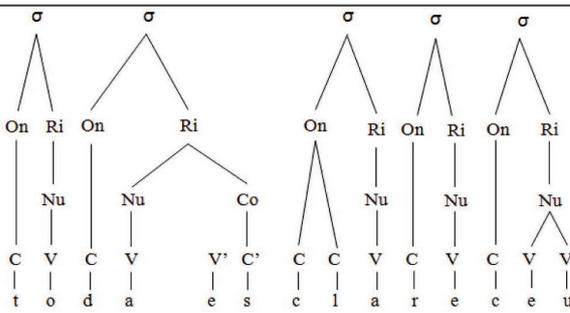
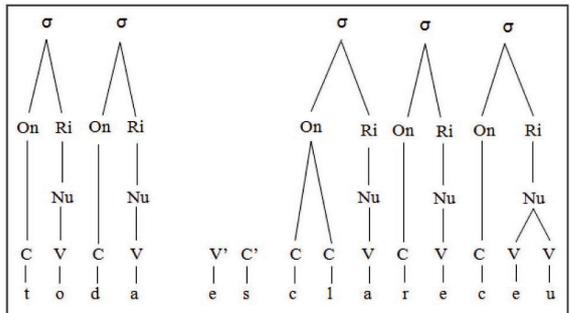
Para postular esse apagamento teríamos que considerar a seguinte ω : [estrela] ou [esclareceu].

(16) [Maria] ω [estrela] ω → [Mari] ω [aStrela] ω

(17) [toda] ω [esclareceu] ω → [to] ω [dasclareu] ω



Choque
→



Ress.
→

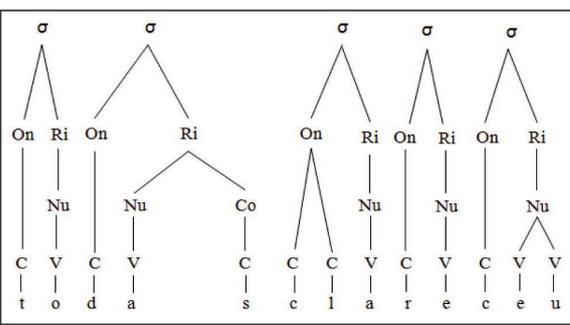


Figura 2. Silabação *toda esclareceu*

A resolução no apagamento da V_2 seria possível ritmicamente também, uma vez que cada ω portaria somente um acento:

(18) [Mari]ω [aStrela]ω

(19) [to]ω [dasclareceu]ω

No entanto, considerar a elisão da vogal inicial da primeira palavra seria ir contra o princípio de economia das línguas, uma vez que nós postularíamos a inserção de uma vogal e depois o seu apagamento. Na perspectiva que adotamos, derivacional, seria postular a existência de regras coexistentes que se anulam. Seria o caso de pensarmos no tópico *Duke-of-York (DY) gambit* no trabalho de Pullum (1976): a forma da derivação seria $A \rightarrow B \rightarrow A$; A como forma de base, subjacente, que passaria ao estágio B e depois retornaria a superfície como A novamente (20):

(20) Strela \rightarrow estrela \rightarrow strela

A \rightarrow B \rightarrow A

O exemplo dado pelo autor é a análise do “r-dropping and r-intrusion” (apagamento de r e r intrusivo) em vários dialetos do Inglês: “final r is first deleted and then re-inserted before a vowel: Homer is \rightarrow Hom[ə] is \rightarrow Homer is (cf. Hom[ə] saw)” (MCCARTHY, 2003, p. 30). Pullum (1976) aborda esse caso e outros como ele, perguntando se derivações DY são obrigadas pelos fatos e se/como podem ser descartadas em geral. Podemos afirmar que elas são necessárias e não devem ser descartadas.

Casali (1997) diz que a elisão da primeira (V_1) de duas vogais adjacentes é mais produtiva nas línguas, no entanto é atestada a elisão de V_2 também. O autor sugere que há posições sensíveis que favorecem a permanência/queda das vogais, a saber: posição inicial da palavra, posição inicial da sílaba, conteúdo semântico e saliência fonética. O que torna o assunto difícil é o fato de que fonologicamente as duas saídas são praticamente idênticas. A silabificação resultante de ambos os processos é idêntica:

(21) Elisão de V_1 à $CV_1 V_2CV = CV_2. CV$

(22) Elisão de V_2 à $CV_1 V_2CV = CV_1. CV$

Colina (1997) propõe uma análise do processo tradicionalmente chamado de epêntese e apagamento no Galego. A respeito da epêntese inicial na língua galega, a autora diz que essa é restrita à posição inicial (casos de /s/ + C) e à posição final, depois de obstruintes, e que resulta da necessidade de satisfazer a sonoridade do *onset*. Formas que não contenham a epêntese, como por exemplo [sta.bi.li.da.de], violam uma restrição altamente ranqueada, pois /st/ não é um *cluster* aceitável em início de sílaba.

Collischonn (2002) retoma que, em latim, qualquer consoante poderia aparecer em posição final de sílaba (exceto k^w , g^w , f e h), enquanto o português arcaico (cf. SOMENZARI, 2006) e as outras línguas romance mostram uma tendência à redução ou até mesmo de eliminação de sílabas fechadas através de uma variedade de processos históricos, como a simplificação de geminadas e de grupos consonantais, a vocalização e a monotongação. O resultado disso é que as sílabas somente podiam ser fechadas por soantes ou /s/. A autora nos diz que, durante a silabação, uma consoante não-apta a ocupar uma posição silábica de ataque ou coda não seria ligada a nenhum nó silábico. A existência de uma dessas consoantes perdidas na representação fonológica desencadearia a criação de uma sílaba estrutural, desprovida ainda de núcleo vocálico, a qual permite a associação da consoante

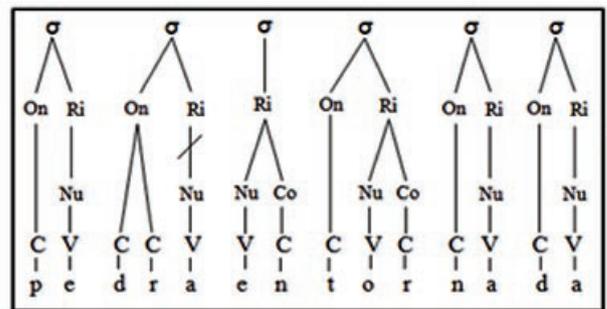
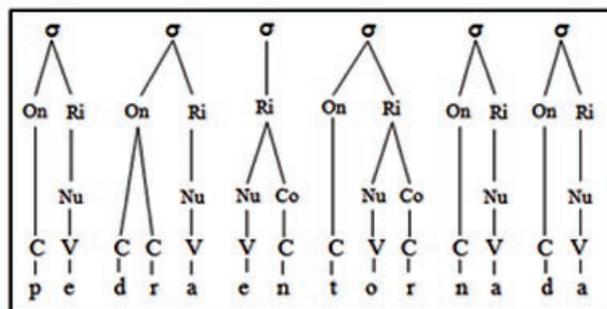
perdida em posição de ataque. Mais tarde, no pós-léxico, essa sílaba seria preenchida com uma vogal e a mora correspondente.

Se assumirmos que as línguas fazem um maior esforço para preservar material fonológico em contextos mais salientes, podemos esperar que o destaque acústico para o segmento da posição inicial da palavra lidere a preservação preferencial de elementos nesse contexto, fato que não ocorre quando V_2 é elidida. Além disso, como postulou Massini-Cagliari (2005), a consoante perdida no choque das vogais pode, nesse caso, ocupar coda de V_1 , se ligando ao nó silábico da primeira palavra. Nessa perspectiva, na hora de escolher qual vogal apagar, o trovador apaga V_2 , vogal epentética – subespecificada – e deixa a vogal plena.

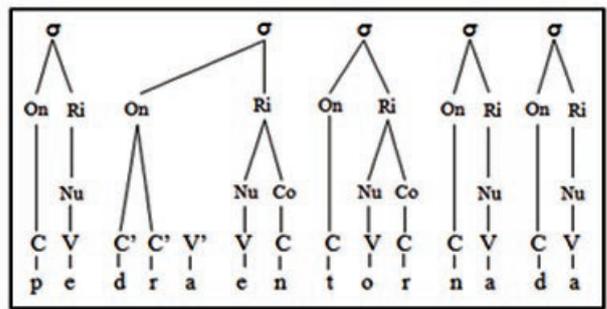
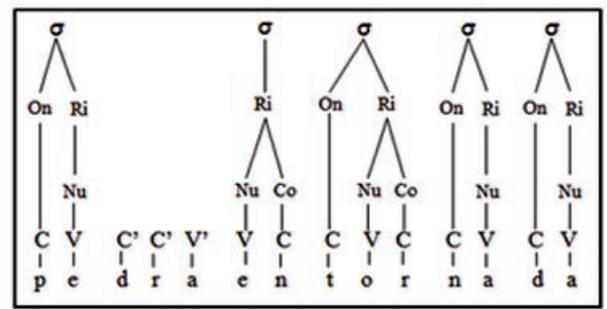
A partir da escansão dos versos em sílabas poéticas, pudemos observar os limites entre as sílabas fonéticas e constatar que nesses casos não é necessária a inserção da vogal epentética /e/ para que seja satisfeita a boa formação da sílaba e, conseqüentemente, a sonoridade do *onset*. Todavia, temos que ressaltar que há alguns casos do galego-português que o processo de resolução para essas consoantes perdidas (casos de /s/ + C ou /n/ + C) ora se realiza com a inserção de uma vogal epentética (23) e, como vimos, ora, não (exemplos de 2 a 8, acima).

(23) v̄yu/ a/ pe/dr' en/tor/na/da (CSM 1; verso 46) - 6 sílabas poéticas

Quando acontece a sua realização, temos como resultado uma elisão, isto é, a vogal final da primeira palavra é apagada. Na elisão, o choque das duas rimas dessilabifica a primeira sílaba, que deixa C' e V' flutuantes, com os seus segmentos pendentes. A ressilabificação ativada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico faz da consoante perdida o ataque da sílaba remanescente, criando uma sílaba ótima, mas esquece a vogal, que é apagada por convenção.



Choque
→



Ress.
→

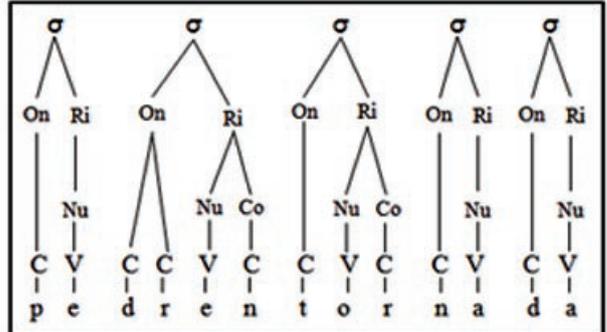


Figura 3. Silabação *pedra ntornada*

Quando isso não acontece, uma das hipóteses seria considerar essas consoantes, aptas a ocupar a posição silábica de coda, ligadas ao nó silábico da sílaba final da primeira palavra.

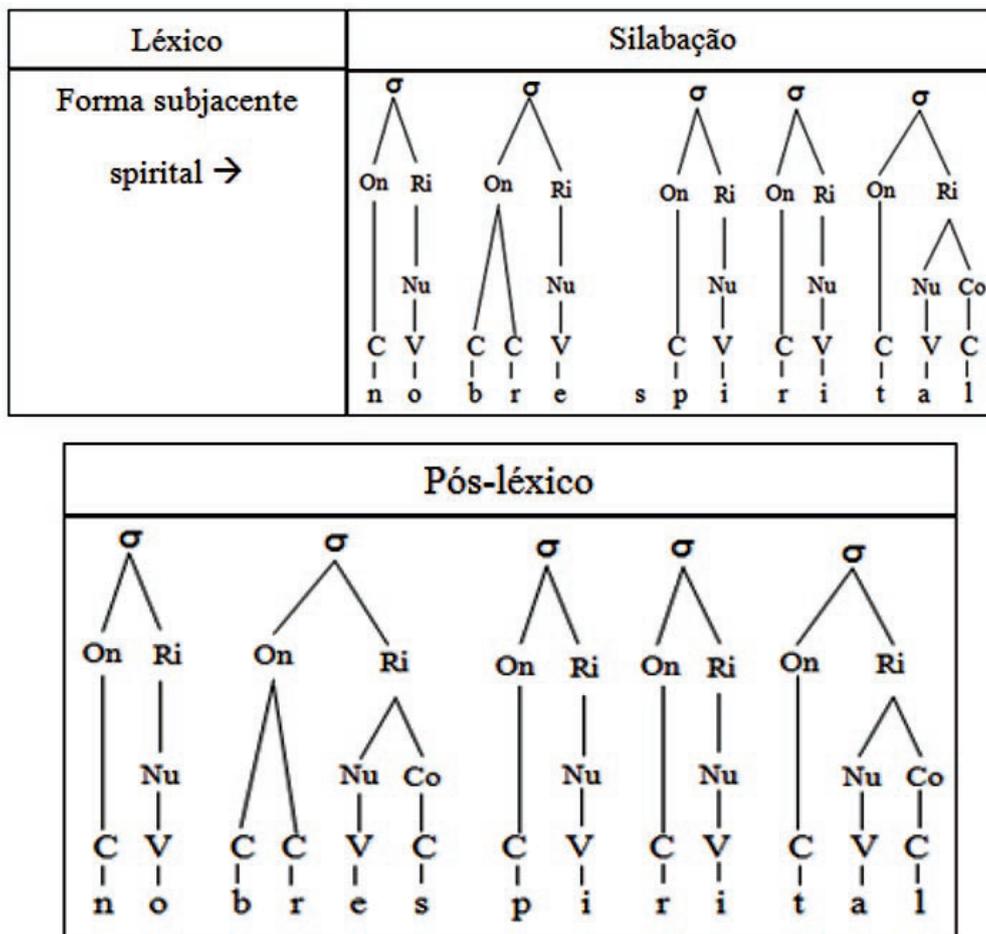


Figura 4. Silabação *nobre spirital*

Notamos também que a não-realização da vogal epentética tem um ambiente rítmico comum: a) sílaba átona seguida de uma sílaba pretônica; b) monossílabo seguido de uma sílaba pretônica.

Nessa perspectiva, podemos postular – introdutoriamente – que /s/ e /n/ podem provocar ou não, em início de palavra e sendo essa sílaba pretônica, a epêntese. Em outras palavras, a epêntese externa nem sempre ocorre para otimizar uma estrutura silábica. Parece-nos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética.

Assim, por meio das possibilidades de escolha do trovador e identificando as resoluções dos encontros vocálicos no sistema do PA dado pelo falante podemos perceber nuances dos valores atribuídos para esse processo fonológico. É necessário ressaltar que as vogais finais envolvidas da primeira palavra são /a/ ou /e/ e a vogal inicial que não se realiza é sempre /e/.

A dificuldade em identificar a estrutura fonética e fonológica (existência ou não de vogal) origina problemas na segmentação silábica. Até mesmo o falante tem dúvidas na

segmentação silábica das sequências /sp, st/ (cf. HENRIQUES, 2009). Em nosso trabalho, como não temos a presença física do falante, usufruímos de uma metodologia que buscar abstrair dos limites das sílabas poéticas, as sílabas fonéticas.

Conclusão

Este artigo mostrou que, em termos de sândi no PA, há a ocorrência de um processo ainda não muito explorado pela literatura especializada, que consiste na não-realização da vogal inicial da segunda palavra quando essa é precedida por /s/ ou /n/. Quando essa vogal se realiza, é grafada <e>, vogal epentética do português da época.

Aliás, a determinação do *status* fonológica da vogal “apagada” pelo processo descrito como epentética ou não (ou seja, como presente ou não na forma de base ou no *input*) é o ponto crucial do qual depende toda a análise, uma vez que a dificuldade com relação à discussão do fenômeno aqui focalizado reside principalmente em identificar a estrutura fonológica, em termos de existência ou não de vogal na sua subjacência, em termos derivacionais.

A partir dessa perspectiva, supomos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética, sendo a questão mais crucial determinar a forma subjacente ou *input* de palavras específicas, em um contexto de análise histórica, em que os dados nem sempre são abundantes nem de fácil interpretação.

REFERÊNCIAS

- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Oxford UK Blackwell, 1993. p. 206-244.
- CAMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1973.
- CANGEMI, A. Algumas considerações sobre a solução dos processos de sândi vocálico externo no Português Arcaico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA (ABRALIN), VII, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Abralin, 2011. p. 159-173.
- _____. Estudos preliminares sobre os processos de sândi vocálico externo - destaque para a elisão – do Português Arcaico ao Português Brasileiro atual. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, IX, 2010, Palhoça: Editora Unisul. *Anais...* p. 1-14. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Carol%20Cangemi.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2011.
- CASALI, R. Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes? *Language*, v. 73, n. 3, p. 493-533, 1997.
- COLINA, S. Epenthesis and deletion in Galician: na optimality-theoric approach. In: MORALES-FRONT, A.; MARTÍNEZ-GIL, F. (Org.) *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington: Georgetown University, 1997. p. 235-267.

- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- CUNHA, C. *Estudos de Poética Trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- HENRIQUES, I. A importância da sílaba: uma reflexão fonológica. *Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Portugal, 2009. p. 37-59.
- HOGG, R.; MCCULLY, C. B. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como *corpus* da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C.; GONÇALVES, M. (Org.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 101-126.
- _____. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre docência em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara, 2005.
- _____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/ UNICAMP, Campinas, 1995.
- MCCARTHY, J. Sympathy, Cumulativity, and the Duke-of-York Gambit. In: FÉRY, C.; VIJVER, R. (Org.). *The Syllable in Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 30-111.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100): Alfonso X, El Sabio*. Madrid: Castalia, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- O'CALLAGHAN, J. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography*. Boston: Brill, 1998.
- PARKER, S. *Quantifying the Sonority Hierarchy*. 2002. 372f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Massachussets Amherst, Massachussets.
- PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998a.

_____. Two for the price of one; on the Castroxeriz *Cantigas de Santa Maria*. In: FLITTER, D. W.; BAUBETA, P. O. (Coord.). *Ondas do Mar de Vigo: Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa*. Día das Letras Galegas. Birmingham, UK: Seminario de Estudos Galegos, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham, 1998b. p. 72-88.

PULLUM, G. The Duke of York gambit. *Journal of Linguistics*, Grã-Bretanha, v. 12, n. 12, p. 83-102, 1976.

SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

SOMENZARI, T. Status fonológico dos casos de sândi de vogais idênticas. In: _____. *Estudo da Possibilidade de Geminação em Português Arcaico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2006.

SNOW, J. T. Current Status of Cantigas Studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

VIANA, A. *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

VIGÁRIO, M.; FALÉ, I. A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, IX, 1993, Coimbra. Lisboa: APL/Colibri, 1994. p. 465-478.